D.O.: 20/1/87 Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 262, p. 68, 23/1/1987 A Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, empresa de desenvolvimento industrial e rural de apoio aos imigrantes japoneses foi implantada em Registro, em 1912, à época um bairro pertencente ao município de Iguape, como ficou conhecida, funcionava como beneficiadora de arroz e como entreposto cooperativo.

Em 1937, a empresa foi dissolvida e os seus bens vendidos a diversos proprietários. O conjunto é formado por amplos galpões em tijolos aparentes, com arcadas nas elevações principais, envolvendo janelas e portas.

As coberturas são em duas águas, apoiadas sobre estruturas de tesouras metálicas. Em 2000, o Governo Estadual iniciou a restauração do edifício que atualmente abriga o Centro de Formação Continuada de Gestores da Secretaria de Estado da Educação e o Memorial da Imigração Japonesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AESP – Papéis referentes às minas de ouro e ferro de diversas localidades. Casa de fundição e almoxarifado de São Paulo e Paranaguá, ordem 347, lata 97.

AESP – Maços de População, Sorocaba, 1765, rolo 188 e Apiaí, 1776, 1784 e 1798, rolo 1. Em 1765, Apiaí aparecia identificada como freguesia pertencente à vila de Sorocaba.

AESP, Documentos Interessantes, V.24, p. 237-40. Corografia Brasílica. pe. Aires de Casal, 1817. Ed. Itatiaia, Edusp 1976. pág.107

ERNESTO, G. Young. "Subsídios para a História de Iguape". 1903. Livro do

Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscrição nº 16, p. 305, 8/9/1986

Patrimônio Tombado. SERRA DO MAR E DE PARANAPIACABA Limites:

Estados do Rio de Janeiro e do Paraná Processo: 20868/79 Tomb.: Res. 40 de 6/6/85 D.O.: 15/6/85. 1985

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. "Vale do Ribeira, Pesquisas Sociológicas. pág. 23. O conceito e tipologia de domicílio aqui utilizados estão baseados em COSTA (1981, p. 217). PE. Aires de Casal, 1817. pág. 107.

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

CONTRIBUIÇÕES DO JOGO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.

FLÁVIA FERREIRA DE ARAUJO

RESUMO

Inovar em educação tem estreita relação com descontinuar velhas práticas e descontruir a ideia de que escola é revestida de racionalidade. Nossas crianças e jovens são raciocínio, mas também, emoção e afetividade. Nesse sentido, a ludicidade pode ser um instrumento pedagógico bastante importante, permitindo ao professor alcançar objetivos, ao aluno exercer seu protagonismo, especialmente as crianças pequenas da educação infantil,

cuja linguagem é a brincadeira. Sendo assim, os jogos teatrais constituem vivências que permitem descobertas, funcionando como recurso lúdico de aprendizagem e desenvolvimento, com respeito as especificidades da infância. Portanto, o objetivo da presente pesquisa é discutir novas possiblidades de práticas pedagógicas com ênfase no lúdico e nas contribuições dos jogos teatrais para as crianças pequenas da educação infantil. Fruto de leituras exploratórias sobre a temática e reflexões sobre a prática o texto pretende proporcionar ao leitor uma reflexão sobre a necessidade de reinvenção do fazer pedagógico sem pretensão de esgotar o assunto.

Palavras-Chave: Jogos teatrais, ludicidade, educação infantil, aprendizagem e desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Revestir-se do novo na educação significa antes de qualquer coisa entender aspectos primordiais da infância. O modo como a criança percebe o mundo é peculiar, pois ela está no mundo interiorizando a cultura existente enquanto recria e produz a sua própria cultura.

As pesquisas sobre a infância e os currículos têm avançado no sentido de impulsionar a escola a adotar novas posturas e metodologias que provoquem a aprendizagem das crianças de forma significativa e prazerosa.

A escola, a criança e os saberes constituem parte essencial da formação humana. A escola com todo seu aparato estrutural que compreende o grupo docente, a gestão, a comunidade, o espaço físico, suas instalações, o território em que se assenta, seus planos e metas, tem o papel de materializar o currículo que são os saberes e valores, concretizando em situações reais, das quais as crianças participam.

As crianças, com suas culturas infantis recheadas de curiosidades e descobertas ao participarem de situações organizam seu pensar, atribuem significados, levantam hipóteses, descobrem símbolos, e se constituem como pessoa em sua individualidade e como grupo ao socializar com os seus pares e com os adultos.

Todavia, é nessa relação que ela pode se emancipar ou acomodar-se, reproduzir a sociedade na qual vive ou fazer uma crítica sobre ela. Daí decorre uma importante reflexão, qual seja, a de indagarmos se a metodologia que prevalece na escola é aquela que propõe a descoberta e a participação dos educandos ou aquela que intencionalmente esvazia os interesses das crianças e silenciam as suas vozes.

Afinal, muitos professores se queixam de terem notado que as crianças parecem desinteressadas e as suas famílias distanciadas dos interesses da escola sem, contudo, notar ou conceber a ideia de a escola precisa se reinventar.

O que este texto pretende é fazer uma reflexão sobre a importância do lúdico no processo de aprendizagem, pois não podemos negligenciar as especificidades da infância, o jeito com que os pequenos se apropriam do conhecimento, a forma com que as práticas lúdicas despertam o prazer de aprender, o quanto os jogos, as brincadeiras, dramatizações, o diálogo e a ênfase no grupo fazem a diferença na aprendizagem e o quanto contribuem

para equilibrar os papeis entre professor e alunos, bem como reconhecer a importância do protagonismo do aluno - que expõe as fragilidades do adulto, que antes detentor dos saberes passa a aceitar essa troca e também é expectador e receptor, pois como dizia Paulo Freire (2000), o professor não é aquele que transfere conhecimento, mas um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições, um ser crítico.

Nesse roteiro, propõe-se ao leitor o nosso objeto de nosso estudo – o jogo teatral que envolve uma concepção de vivências lúdicas que resulta num exercício docente mais criativo e aberto a emancipação dos educandos.

O PAPEL DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM

Quando tratamos de ludicidade, convém destacar que é um direito da criança, porém, algo a ser conquistado. Isto quer dizer que, nossas crianças, embora amparadas pelas normativas, currículos, base nacional e legislação ainda precisam ser reconhecidas no ambiente escolar em suas singularidades, para que o lúdico seja aceito e naturalizado nas escolas, isso é incorporado na didática praticada.

É certo que a escola, acostumada a pensar a criança como um pequeno adulto até a década de 90, ainda carrega traços daquela educação bancária e reprodutivista de modelos prontos, de transmissão de conhecimentos, de atividades antecipatórias de escolarização dissociada da vida, de assistencialismo.

No campo legal, foi a partir de 1988, através da Constituição Federal que a criança foi reconhecida como sujeito de direitos, portanto, bastante recente. Todavia esse importante marco posicionou a criança em outros marcos regulatórios que passaram a enxergar as especificidades da infância e a superioridade de seu interesse. Podemos citar aqui o Estatuto da criança e adolescente – ECA de 1990; a Lei de Diretrizes e Bases da educação – LDB de 1996; Plano Nacional de Educação de 2014; os RCNS de 1998, a BNCC, Normativas e Currículos da Infância entre outros.

Esse aparato legal reconhece a criança e o direito a infância, e estabelece que no processo de ensino-aprendizagem seja observado que ela é um ser social com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, com necessidade de interações e brincadeiras no seu processo de desenvolvimento.

GRISPINO, 2016, p.19 e20 ao tratar do direito a educação infantil assinala a importância das brincadeiras:

Brincar é uma forma atraente de envolver a criança na aprendizagem, não se deve encará-la como algo fútil, sem importância. A brincadeira favorece o processo de ensino-aprendizagem, ajuda a desenvolver a autoestima, a capacidade de se expressar, de criar, de socializar, de pensar. Aguça a curiosidade infantil, impulsiona a investigação do método científico. Através da brincadeira, a criança manifesta sentimentos, relaciona-se com o mundo exterior, apropria-se aos poucos de sua realidade, estabelecendo com meio interações sociais. Nessas interações vai aprendendo a comportar-se socialmente, a perceber, na convivência, a existência de

normas, valores, direitos e deveres a serem cumpridos.

Portanto, respeitar a peculiaridade da infância, é também perceber a função social da escola como espaço público que oferta a elas oportunidades de exercer a infância. Quando a criança está na rua, ou em casa não há garantias de que não esteja trabalhando ou sendo um adulto em miniatura. Mas, se ela está na escola é preciso perceber que tem direitos e que estes direitos precisam ser respeitados a fim de que ela conquiste seu desenvolvimento integral. Nesse sentido, o direito de brincar é imprescindível ao seu desenvolvimento componho o componente curricular, tratado como coisa séria e planejada.

O brincar em si passa a noção do papel social que cada um exerce no grupo, das diferenças de atitudes, de reações de cada um. As brincadeiras vão formando o ser social, aquele que irá conviver com o outro, viver em sociedade, tendo que respeitar regras e limites. Já na pouca idade, dos dois ou três anos, brincando a criança começa a perceber o outro, suas diferenças, permitindo-lhe construir sua identidade pessoal e social. (GRISPINO, 2016, p..20).

Dito isto, convém ressaltar que a escola dá muito enfoque a razão em detrimento a afetividade, criatividade e emoção. Com isso corre-se o risco de desprezar-se direitos de aprendizagem como a expressão, a exploração, a convivência, a participação, a brincadeira, direitos reconhecidos como essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem e que estão presentes nos documentos oficiais.

O resultado de um percurso didático que supervaloriza a racionalidade em detrimento a emoção pode ser o descontentamento e a falta de criatividade, a centralização no professor, e como já dito, a ausência do prazer em aprender sem o qual, pouco valor a educação tem.

Nossas crianças falam com o corpo e de todas as formas possíveis, para não serem silenciadas por um sistema congelado pelo tempo. De alguma forma elas dão o recado de que a escola precisa inovar em suas concepções e práticas. Abrir-se para o novo. Suas inquietações, indisciplina, desinteresse, descontentamento são resultado de uma narrativa já ultrapassada que ainda prevalece na escola.

As crianças são silenciadas diante de currículos extensos esvaziados de sentido, sem atentar-se ao fato de que elas também são produtoras de cultura e precisam ser protagonistas participando de sua aprendizagem de forma ativa.

De igual modo quando ignora o fato de que as interações e as brincadeiras promovem o desejo e o prazer em aprender e, sem essa didática diferenciada a escola perde a alegria, o desejo e o prazer.

A escola é um lugar onde se aprende a conduzir a existência, tendo em vista o interesse comum, e não apenas os desejos e interesses individuais. Na Educação Infantil, os espaços possibilitam o exercício da ação coletiva e da autonomia dos bebês e das crianças nas suas investigações, isto é, na sua descoberta de si e dos outros e no conhecimento do mundo. Estar nesse espaço educativo possibilita aos bebês e às crianças criar uma voz própria, com autoria e protagonismo. É um tempo

para identificar os seus sentimentos e desejos, construir um estilo pessoal frente ao mundo, aprender a compreender as pessoas e a diversidade de seus modos de ser e estar, fazer escolhas desenvolvendo significados pessoais e significações sociais. Por isso, o acolhimento dos bebês e das crianças, essencial na construção de sua identidade, é um compromisso. Cabe aos profissionais ter atenção aos espaços organizados para as vivências oferecidas, os tempos para as elaborações, as críticas, as releituras e as materialidades para as criações e os questionamentos que os bebês e as crianças evidenciam, sejam eles verbais ou gestuais. É preciso sustentar a possibilidade de que cada bebê e criança que esteja nas Unidades Educacionais seja convidado a reinventar e transformar o mundo. (SÃO PAULO, 2020, p.23)

Empregar a ludicidade na sala de aula, na perspectiva de uma didática diferenciada exige reflexão e problematização da realidade. Pois, se a educação é um processo social e um bem público deve ser compartilhado por todos os seus atores e nesse sentido a educação infantil precisa estar comprometida não apenas com a instrução, mas também com a humanização.

A ludicidade ultrapassa a barreira do conceitual, alcançando atitudes e valores. Dar importância a ludicidade implica, contudo, em o adulto experenciar essa forma de aprender e de compreender como a criança aprende e a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil. Ao compreender e se colocar no lugar da criança o professor será mais sensível as necessidades da criança e mais aberto a mudanças. (MENEZES, 2015, p.15)

Oportuno dizer que o lúdico desafia a docência a permitir ao aluno esse papel ativo que se diferencia da postura conformista e de submissão. Conforme assinala FORTUNA, 2000, p.9 apud MENEZES, 2015, p.20:

A aula lúdica é aquela que desafia o aluno e o professor e situa-os como sujeitos do processo pedagógico, uma aula ludicamente inspirada não é, necessariamente, aquela que ensina conteúdos com jogos, mas aquela em que as características do brincar estão presentes, influindo no modo de ensinar do professor, na seleção de conteúdo, no papel do aluno, assim, o professor não é centralizador, mas reconhece que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem, a espontaneidade e a criatividade estimuladas.

Portanto, a postura do professor é determinante para esse processo, sendo claro a força do exemplo. Se ele tem uma postura democrática perante a turma e planeja situações em que as crianças irão vivenciar atitudes de respeito e valores, acolher o outro em suas singularidades, cuidar de si, e estar em permanente movimento com seu corpo, mente e emoções, ou seja em constante participação para satisfazer desejos e fazer descobertas ele refletira mudanças na educação estará em constante transformação juntamente com as crianças e com a educação.

CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS TEATRAIS PARA UMA INFÂNCIA CRIATIVA

De que maneira os jogos teatrais ou dramáticos podem contribuir para a formação das crianças? Da maneira com

que a escola planeja situações desafiadoras de como as crianças podem vivenciar a vida.

Sim, porque a escola não é a preparação para a vida, mas a própria vida. As crianças passam muito tempo dentro da escola que é um ambiente desafiador de troca de experiências e descobertas. Portanto, significa dizer que é o modo como as culturas infantis são respeitadas na escola, de como os espaços são pensados e planejados para e pela criança, para tornar possível a sua atuação.

Os jogos teatrais são vivências que permitem as crianças se expressarem, expondo ideias e pensamentos, percebendo igualdades e diferenças, compreendendo limites, interferindo na realidade, atribuindo um sentido a vida ao se apropriar da cultura e recriá-la em contextos lúdicos.

O papel dos jogos teatrais e suas contribuições, no ambiente escolar vem sendo discutido na literatura já a algum tempo, pois existe estreita relação com o desenvolvimento da inteligência, ao que nos diz KOUDELA e Santana (2005, p. 148):

Ultimamente, o conceito de jogo teatral vem tendo uma larga aplicação na educação e no trabalho com crianças e adolescentes. [...], sendo abordado através da conceituação de Piaget e Vygotsky. Na psicogênese da linguagem e do jogo na criança, a função simbólica ou semiótica aparece por volta dos dois anos e promove uma série de comportamentos que denotam o desenvolvimento da linguagem e da representação. Piaget destaca cinco condutas, de aparecimento mais ou menos simultâneo e que enumera na ordem de complexidade crescente: imitação diferida, jogo simbólico ou jogo de ficção, desenho ou imagem gráfica, imagem mental e evocação verbal (língua).

Por exemplo, quando pensamos em crianças maiores ou adolescentes podemos imaginar um enredo que poderá ser construído por eles em que se pretende resolver algum conflito. Esse teatro dramatizado é vivido em forma de história de modo individual e ao ser compartilhado com a plateia e vivenciado com os pares torna-se coletivo. Quando por exemplo, o outro que assiste se identifica com a personagem, por acionamento de suas emoções passará a refletir sobre ela. Desse modo ocorre um aprendizado, um debate interno ou externo e a possibilidade de se colocar no lugar do outro e nesse sentido, a linguagem teatral pode auxiliar na discussão de conflitos e permitir a desmecanização de sentidos bem como a inferência sobre a realidade vivida, com a liberdade que a brincadeira permite para além de permitir trocas por meio de interações em torno de um objetivo.

Com as crianças pequenas, essa estrutura é vivenciada principalmente nas brincadeiras, sem a preocupação de apresentação para uma plateia. Isso quer dizer que, a criança ao brincar é personagem e plateia ao mesmo tempo.

Na brincadeira a criança encontra sentido para sua vida. Graças ao faz de conta a criança pode imaginar, imitar, criar, ou jogar simbolicamente e assim, pouco a pouco vai reconstituindo esquemas simbólicos. Com isso, pode ampliar seu mundo, estendendo-se ou aprofundando seus conhecimentos para além de seu próprio corpo; pode encurtar tempos, alargar espaços, substituir objetos, criar

acontecimentos. Além disso pode entrar no universo de sua cultura ou sociedade, aprendendo costumes, regras e limites. Percebe-se que ao brincar as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vivem uma possibilidade de modificála. (CAMPOS, 2013, p.1834)

O cenário de brincadeiras traz a função primordial do professor que é compreender como se dá o desenvolvimento da criança e de organizar o meio de modo a provocar o seu interesse, para levá-la a agir sobre ele. Assim a criança ao se deparar com um ambiente que favoreça a troca de experiências com seus pares, de maneira criativa e curiosa terá uma rotina mais democrática e participativa.

A criança aprende de forma integrada, contextualizada e a partir de estímulos significativos, a cultura de pares permitirá a ela se apropriar, reinventar e reproduzir a cultura que a rodeia, permite exorcizar medos, construir fantasias, representar cenas do cotidiano e ao mesmo tempo estabelece fronteiras de inclusão e exclusão [...] que estão fortemente implicadas nos processos de identificação social. (SARMENTO, 2002, p.5)

Vygotsky (1994) tratou de dar importância ao meio social de tal modo que essa relação para ele é decisiva no delinear do desenvolvimento psicológico da criança. Em outras palavras, a criança modifica o meio e é modificada por ele. Isso significa que as experiências da criança são determinantes e completam sua maturidade numa relação dialógica. Logo,

O autor afirma ainda que a experiência emocional da criança em relação ao meio social é decisiva no curso de seu desenvolvimento psicológico, pois determina o tipo de influência que a situação ou o meio terá sobre ela. Não é um fator em si que influencia o curso do desenvolvimento da criança, mas os diversos fatores refratados pelo prisma da experiência emocional da criança (VYGOTSKY, 1994, p. 340). Assim, a ação do meio sobre a criança e a sua maturidade se completam, enquanto processo dialético, para que ela sinta, perceba e compreenda a realidade. O meio, continua Vygotsky (1994), não é sempre igual, nem sequer para a mesma criança porque está se modifica e, ainda que vivencie o mesmo lugar, as mesmas pessoas, a mesma cultura, ela os experimenta diferentemente em cada momento de seu desenvolvimento. Assim, o meio se transforma segundo o processo de desenvolvimento da criança. Meio e indivíduo, em constante interação, modificam-se mutuamente. (VYGOTSKY, 1994, p. 340 apud OLIVEIRA; STOLTZ, 2005 p.81)

REVERBEL (2010, p.22) afirma que o processo de desenvolvimento das capacidades de expressão é mais importante do que a produção final, motivo pelo qual não se deve enfatizar a avaliação de uma pintura, de uma dança ou de uma peça criada pelo aluno, mas avaliar seu modo de atuar, o que nos revela o crescimento gradual de suas potencialidades expressivas.

Observa-se que a educação não é algo fragmentado, mas algo vivo em permanente movimento. Elas podem desenhar, falar, medir, ter contato com a cultura escrita enquanto exploram as situações. Por exemplo, as crianças percebem texturas, cores e formas enquanto mani-

pulam brinquedos, ter contato com a escrita enquanto planejam situações, como, por exemplo, o que vamos fazer hoje, ou observam a escrevem espontaneamente a lista de nomes de colegas ou usam as letras de seu nome para representar a lista de compras que irá fazer para brincar no mercadinho. As crianças podem fazer pesquisas das espécies animais e vegetais do parque da escola, catalogar e expor essas descobertas sem a pretensão de apresentação, mas por espontaneidade criativa desde que ela tenha acesso a experiencias desafiadoras e a ambientes que permitam atuar sobre ele. Situações que deverão ser instigadas e planejadas por meio de projetos ou temas de interesses das crianças.

Um exemplo ilustrativo de processos desencadeados por um jogo teatral pode ser observado numa proposta de brincadeira em que as crianças são desafiadas pelo ambiente – recursos presentes – a assumirem papéis sociais de personagens de contos de fadas e heróis.

Em primeiro lugar, a criança precisa se lembrar de como a princesa se caracteriza (como fala, o que fala, como se comporta...), e isso requer dela o exercício da atenção, da observação, da memória. Em seguida, ela precisa de objetos para representar a princesa. Se tiver a imagem de uma princesa de um filme comercial, os objetos serão um vestido rodado, uma coroa, um trono; se a imagem for de uma princesa africana, os objetos serão colares, pulseiras, um turbante com pedras brilhantes e roupas coloridas, por exemplo. Na falta de uma coroa, um vestido rodado, colares, pulseiras, um turbante com pedras preciosas, a criança lançará mão de objetos substitutos, “fazendo de conta” que são os itens necessários: uma tiara vira uma coroa, uma camiseta grande vira um vestido, um cinto enrolado no braço vira pulseiras, uma tira de pano vira colares. Para uma criança menor, essa substituição é difícil, pois ela não separa o objeto da sua função, mas uma criança um pouco maior começa a atribuir um significado de “faz de conta” ao objeto, ou seja, ela temporariamente suspende a sua função e lhe atribui outra. Nesse caso, a ação da criança não se estrutura sobre o objeto (um pano ou uma tiara), mas sobre uma ideia (isto é, sobre o que esse objeto passa a significar). A relação da criança com a realidade muda: o significado (a ideia) predomina sobre o objeto e o pensamento passa a ser totalmente livre da situação real. Com isso, a criança vai criando as bases para o pensamento abstrato exigido pelos processos de aprendizagem da linguagem escrita e da matemática, que vão acontecer mais tarde. Ao se colocar no lugar do outro, deve fazer como o outro. Esse outro é, de modo geral, um adulto, e para fazer de conta que é o personagem adulto, a criança abre mão de sua vontade imediata para fazer como o personagem faz, de acordo com seu estereótipo. Desse modo, exercita a separação entre o “eu quero” e o “eu devo”: enquanto está fazendo de conta que é a princesa, não deve brigar, nem correr atrás de ninguém ou gritar. De um modo geral, as regras dos jogos são impostas às crianças: antes de iniciar-se o jogo, as regras são avisadas. No caso da brincadeira de papéis, esse movimento é diferente: a criança precisa seguir as regras que o papel adotado impõe e há um acordo — mesmo que não dito em voz alta — no grupo que brinca

junto sobre como os personagens se comportam: “professora faz assim”, “cinderela faz assim”, “mãe com bebê age assim” e as regras precisam ser respeitadas como condição para que a brincadeira aconteça. Assim, as crianças aprendem a seguir regras e combinados por prazer. Também aprendem a conviver com as outras crianças: aprendem que as outras também têm ideias e propostas, e vão aprendendo a respeitá-las. (SÃO PAULO, 2019, p. 86 e 87).

Nesse exemplo, a proposta pode ser simples para o adulto, mas desafiadora para a criança que ao fazer de conta assume a função simbólica de ser o outro desencadeando a memória, o pensamento, a fala, as emoções, a capacidade imaginativa e criadora.

O papel do professor enquanto mediador dessa aprendizagem é ampliar os temas das brincadeiras, preparar o ambiente, observar e acompanhar as reações das crianças para perceber com se dará as relações d acriança com o meio, com o outro, quais valores e sentimentos ela acionará e a partir daí fazer boas perguntas para as crianças e ouvi-las, fazendo com que reflitam sobre o que aconteceu e planejando novas situações de aprendizagem. Ou até mesmo, assumindo papéis provocando atitudes nas crianças que as ajudem a pensar e reagir.

É preciso oportunizar que todas as crianças participem da experiência lúdica e, se preciso for, mudar a rotina, de modo a propiciar a participação e inclusão de todos. As(os) professoras(es) têm ainda a tarefa de fazer tentativas e gradativamente ir oferecendo experiências que as crianças gostem; possibilitar que as crianças possam escolher vivências (oferecendo possibilidades de escolha); encorajar, sempre que possível, que as próprias crianças convidem as que não se sentem incluídas a participar das brincadeiras. (SÃO PAULO, 2019, p.93)

A educação infantil abarca outros jogos, por exemplo, as brincadeiras tradicionais que podem ser apresentadas pelo professor ou trazidas pelas crianças das culturas compartilhadas por elas na rua ou pelas famílias, e que incorporadas na escola podem sem vivenciadas espontaneamente pelas crianças em momentos e espaços oportunizados a elas. Para isso, adotar uma linguagem lúdica na escola envolve não apenas a atitude do professor, mas de toda a escola que se compromete em estruturar ambientes favoráveis a experiências significativas que venham de encontro as necessidades emocional, cognitivas, motoras e afetivas das crianças.

Não é possível promover interações em ambientes fechados, cheio de regras em que não é permitido a criança se apropriar dele. Do mesmo modo não será possível valorizar o lúdico se todos os personagens da escola não assumirem um papel educativo compreendendo que a interação está intimamente ligada ao movimento e ao modo como a criança se apropria dos objetos para satisfazer suas necessidades físicas e afetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é um ser humano é ímpar, carrega dentro de si uma vivência de mundo, suas experiências, estímulos, vontades, interesses particulares, família, lin-

guagem, conflitos, emoções. Sua casa e a escola constituem meio onde ela irá abrir-se para o novo, reconhecer diferenças, exercer direitos, criar recriar e escolher estratégias para alcançar seus objetivos, gerenciar experiencias vividas, ampliar seu repertório cultural e comunicar-se com diferentes linguagens.

Em casa, independente do contexto, não sabemos se o direito a infância será exercido, mas a escola, deverá ser o porto seguro, garantidor de ações socioculturais mediadas que se proponha a garantir experiencias enriquecedoras com respeito as suas características – as culturas infantis.

É nesse sentido que o lúdico através das brincadeiras e vivências teatrais na escola podem ser motivadoras, contribuindo não apenas para com o cognitivo das crianças, mas também para o desenvolvimento de aspectos afetivos e sociais.

Ao garantir que a criança vivencie experiências permeadas por brincadeiras que favoreçam a representação, ao se criar as condições ambientais para que a troca de papéis aconteça a criança coloca em ação funções cognitivas, de afeto, de motricidade e sociais que permite a ela a apropriação de signos sociais e de valores.

É na interação com o outro em situações de representação que a criança irá exercer sua autoridade, generosidade ou oposição, aprenderá a negociar, colocar-se no lugar do outro e aprenderá a resolver conflitos, essa liberdade de viver a própria vida permitirá a ela ter voz e dar voz ao outro.

Assim, a atividade teatral faz parte do rol de brincadeiras que tem estreita relação com vivências em grupos e individuais, que privilegia a comunicação da criança por meio de diferentes formas de expressão, favorece o levantamento de hipóteses, o desenvolvimento da imaginação e a organização do pensamento criativo.

Garantir a participação das crianças através de ambiente provocador e estimulador é papel do professor e da escola comprometidos com a desenvolvimento integral das crianças e a formação de suas identidades, conhecedor das culturas infantis e dos direitos da infância.

Significa dizer que a educação se confunde com o processo de vida em sociedade (DEWER,1959), não é uma preparação para a vida, mas a vida, uma vida real e vital para a criança. Se ela viver a liberdade, a democracia, valorizar as diferenças, respeitar o outro e ter a oportunidade de desenvolver aspectos cognitivos e afetivos de modo significativo certamente terá uma experiencia transformadora e emancipadora que se refletirá na vida que está fora da escola. Por essa razão a intencionalidade da escola em pensar e planejar situações educativas comprometidas com os interesses das crianças é tão necessária e urgente.

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

CONTRIBUIÇÕES DO JOGO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.

ABSTRACT

Innovating in education has a close